













**ANALYSE**

**CRITICA, RAPIDA, DESPRETENCIOSA**

FEITA AO FOLHETO INTITULADO

**GARRETT, CASTILHO, HERCULANO**

**E A ESCOLA COIMBRA ETC.**

PELO

**SACRISTÃO DE UMA ERMIDA**

**LISBOA**

**TYPOGRAPHIA—20 RUA DA ENCARNAÇÃO 20—**

**1866**

1570 / 1890



Alexandre Herculano é o auctor do *Eurico e do Monge de Cister*; d'esses livros cujas paginas me desinuviaram o espirito aos vinte annos. Insultaram-me, é como se quizessem aniquilar-me ou esmagar-me a alma.

Nas poucas paginas que vão lêr-se, não intento defender o auctor e os seus livros, porque nem um, nem os outros, carecem da minha fraca defensa, mas procuro desafogar a magua que senti ao vêr o folheto do *Ermita*.

Releve-se-me por isso, o que disser ahi de menos acertado.

#### • Auctor.



# I

«Zangado e aborrecido de tantas phylosophias e reformações sociaes; amofinado com as descomposturas mutuas e até com a lista dos nomes que o Julio de Castilho publicou, desaderando de ambos os partidos, mas pendendo sempre um pouco para a escola em que se creou (Qual?) voltou para o Chiado e proseguiu na sua vida antiga, o Ermita d'ali.

Mas debalde procurou o socego que não poude encontrar. Fora mordido pela tarantula, era-lhe necessarie dançar. Lembrou-se então de buscar a genealogia da nova escola, a qual, por isso que é portugueza, hade filiar-se de algum modo em tradicções portuguezas, porque nas allemãs não crê, pois os rapazotes entendem tanto de pantheismo transrhenane como elle.

Lembrou-se tambem que um bello talento francez M. de Jouy, com o pseudonymo de *Ermite de la Chaussée d'Antin*, azorrageu os litteratiços, do seu tempo, os romanticos façanhudos e os classicos retundos.

Lembrou-se ainda que no seculo passado houve em Londres um famoso Junius que toseu impiedosamente os phylesoparrões e poetas impolvilhades seus contemporaneos. Arrastado por tão preclaros exemplos, disse de si

para si: Não quero arcar com a *phylosophada* moderna. Siga cada qual o seu caminho. Mas eu que ha tantos annos vejo passar todos os litteratos cá do meu posto, eu que tenho sido espectador de todos os acontecimentos litterarios, posso, *sem esforço, fazer um serviço à historia*, ou pelo menos á caricatura, buscando a genealogia tradicional da nova *phylosophia*. Quem sabe se os rapazes não fazem senão exagerar os exemplos legados pelos magnates, que hoje pompeiam por ahi? Seu dito, seu feito. Pôz mãos á obra e apresentou ao leitor o que salvou, e que é procedente dessas lembranças, impuras, immodestas, vaidosas!

Na primeira parte do folheto, que bem fora para as letras e para os tres vultos, seus cultores, que aponta, nunca haver saído dos prelos, falla exclusivamente de si o pobre isolado.

Entre outras coisas de peso citadas, que ácerca da nova escola *phylosophica*, ouvia da boca de um vizinho que é um Hegel derramado, capaz de metter n'um chinello o Souza Lobo, ouvia tambem o Ermita dizer-lhe que: a poesia é a *phylosophia em verso*, é o rythmo que embate a idéa no seu baleuço pelos intermundios; é a modulação... e, parece que não escutava mais nada.

Então pez-se a meditar, e adivinha o leitor o que lhe aconteceu?

Pegou em si e foi comprar as obras dos amigos *phylosophos* que dirigem a humanidade (!)

E que tal! disse elle com os seus botões, e com o Padre Vieira. Ainda *ninguem intentou* provar que eu seja um macaco, ou qualquer outra alimaria da terra, logo, sou homem, e como tal pertenço á humanidade. E' claro que se alguem *intentasse* provar que o Ermita era um macaco ou

qualquaer outra alimaria da terra, elle não era homem mas sim macaco ou qualquer outra alimaria da terra...

Mas, acrescenta com Terencio, o triste desterrado do seio dos homens: *Homo sum, nihil a me humani alienum puto; e se sou parte integrante da humanidade (diz elle então só) aonde diabo irei dar com es ossos, se não soubes de cór e salteado os dictames da phylosophia?*

Deus o faça ir dar com elles no reino da critica fina de onde infelizmente se afasta. Mas vejamos o que fez:

Correu os livreiros, comprou o *Anthero a peso, o Theophilo a medida*, e, sem peso nem medida, toda a caterva de phylosophositos que estes patriarchas açularam contra o Castilho.

Até aqui fez bem, depois diz ao *amigo* leitor que vive com muito cuidado no seu esconso, para não escorregar... mas fez mais do que escorregar, caio e caio de alto. Fallaremos na queda depois, e vejamos que mais succedimentos houve nesses seus dias de febre.

Tratava-se de phylosophias, comprou tudo, e passou trez dias de amargura. Não entendeu nem patavina do Anthero porque é o diabo não é homem. Escreve charadas como quem bebe agua.

E o Theophile? Achou-o estupendo massador e muitas coisas mais.

Passou a lêr os versos. É bom aqui deixar fallar o Ermita. Não deve perder-se, nem alterar-se uma phrase, um termo unico do texto:

«Cheguei á bachante e gestei. Aquillo era *pittira de tremer*. Bom! bradei eu. Se o mundo reformado correcto e augmentado pela phylosophia é assim, fica um mundo de *borrachões*. Passei em seguida ás *Ceias de Nero*. Mais pi-

*teira!* Este senhor Theophilo é pelos modos proprietario de vinhedos, pensei *ingenuamente*. Não falla senão em *bebederias e orgias!* Nada. *Isto não presta. Não gosto desta philosophia.* Voltemos ao Anthero, *disse abrindo a boca sem querer.* Deitei-me ás *Odes Modernas inquibus et rostris!* Não havia metter dente naquelle manjar. Sarças, mattos, maninhos, covis, fojos, algares, tudo lá encontrei, e depois de percorrer o labiryntho, cheguei ao cabe todo *molesto, ensanguentado e em farrapos.* Aquellas *Odes* são um atalho por dia de nevoeiro. Decididamente, bradei berrando como um possesto, ou *eu sou muito bruto,* ou o tal Anthero esteve a zombar com o publico. Deus nos livre que o mundo se reformasse assim. Andavamos todos ao cachaçao porque ninguem se entendia. »

Pasmoso periodo! Bom, bom de lei. Critica mais fina, mais clara, mais delicada do que esta não a haverá decerto.

Cada vez que me recordo de que houve alguem, que atribuiu o folheto do Ermita a uma das nossas primeiras capacidades litterarias, sinto desejos de lançar ao fogo os poucos livros que pessuo... .

«Deve o leitor ter notado que eu sou teimoso como um ethiope, segue o Ermita. O leitor seguramente não pôde ter notado teima alguma até ao ponto em que o Ermita nota que o leitor deve ter notado, mas o que elle quer dizer, porque ha muito o trazia suspenso na cabeça é que os ethiopes são teimosos, dande-nos assim prova da sua erudieção e muitas coisas mais.

Quando o Ermita devorou os folhetos em pro e contra o Castilhe, poz-se a rir ás bandeiras despregadas do do Theophilo e disse: Safa! Que linguinha de prata! E fei d'aqui que zangado e aborrecido lhe saiu a primeira parte do seu folheto.

## II

Na segunda parte do citado folheto, trata o Ermita de resto, mestres e discípulos da litteratura. De um traço caracterisa-os e fulmina-os a todos ; desde Mendes Leal até Julio de Castilho, por quem se faz poeta nos seguintes versinhos :

mata o tempo co'sorriso,  
em quanto o tempo o não mata  
não herdou lingua de prata,  
«talentinho» lhe diviso.

Lindesas nas obras de alguns delles não as cita, põe em relevo apenas feialdades de uns e outros e envolve-os a todos n'um tecido frouxo, peco e xarro de palavras que melhor fôra ao Ermita não dizer.

Mendes Leal é um vulto venerando da litteratura patria. Pelo menos não ha finura, cavalheirismo, nobressa de alma, no que lhe lançar pedra. Elle não a sentirá seguramente. A dor, a vergonha é nossa, é de nós todos.

De um golpe dado por mão vacillante de neophyto operario, não oscilam sequer monumentos tão solidos da nossa litteratura.

Rebello da Silva, Teixeira de Vasconcellos, Camillo Castello Branco, Pinheiro Chagas, Osorio de Vasconcellos, Latino Coelho, Bulhão Pato, Jayme Mêniç, Viale, Thomaz Ribeiro, João de Lemos, Andrade Corvo, Seromenho, Andrade Ferreira, e Ramalho Ortigão, notaveis escriptores e poetas, não iniciaram a litteratura moderna é certo, mas cultores distinctissimos della, não podem apenas ser vistos como auctores de obumbras historias impossíveis, *Quixotes litterarios, almas de foguete*<sup>4</sup> etc. etc. E o Ermita na sua

<sup>4</sup> O que são «almas de foguete ? Almas de foguete» são almas talvez sobre as quaes ficam a matar as «estolas do infinito».

revista pretenciosa dos nossos homens de lettras não se satisfaz em chamar-lhes Quixotes litterarios e outras grosseiras coisas, leva mais longe a sua veia graciosa dizendo: « e o José Horta cujos olhos arremeltem com as nuvens, cabeça com pretenções a abano, bigode hirsuto ; e o Antonio de Serpa, cantor do Corsario ou de coisa que o valha, rosto magro e palido, olhos amortecidos, palavra mordaz, inquisidor disfarçado ; e o Manuel Roussado, que apesar de não escrever as tempestades sonoras é sonoro como o sino grande que tantas vezes invoca...ou imboca.

Julgar de um traço litteratos, escriptores, poetas, citando-lhes defeitos physicos e moraes sobre ser coisa de mau gosto é tolice grande e feia.

Todos elles emfim unidos em uma pagina pelo espirituoso e doute Ermita do Chiado, ligados por elle representantes dos variados generos e especies de litteratura contemporanea, em esboço rapido e pitoresco della não iniciaram a litteratura moderna, diz elle, não ensinaram não beberam na Hippocrene que rejuvenesceu as molas já gastas dos nossos avoengos. Os primeiros, os que inocularam o sainete caracteristico, os que lançaram as primeiras sementes, foram Garrett, Castilho e Herculano.» Fallaremos de cada um delles. Apresentemos-lhe as feições com meia duzia de linhas ; tracejemos-lhe os caracteres ; delimitemos a sua influencia proxima ou remota, e passemos á terceira parte do folheto.

## III

«A tout seigneur, tout honneur.»

«Comecemos per Garrett.» Não são do Ermita os traços que desenham aquelle que é immortal pelo *Camões* ce-



mo *Camões* pelos *Luzicidas*. Garrett o sublime o divino genio da litteratura contemporanea! Do Ermita são os seguintes, postos no quadro, quando o mestre voltou costas: «Garrett era portuguez de lei, era verdadeiro poeta, e o rovinol não gera ursos!»

Apaguem isto no quadro de Garrett e a imagem querida d'este grande vulto aparecerá radiante de verdade e poesia.

«Garrett é o patriarcha que os litterates portuguezes devem invocar, porque era portuguez de lei, não marcava as nossas joias com europeis estranhos. Garrett creou o theatro, inventou o folhetim, aclinou o *humour* de Sterne, renovou a eloquencia, avivou a poesia popular, engrinaldou a lyra portugueza».

## IV

Na parte quarta do folheto está Castilho desenhado pelo mestre que voltara cabisbaixo. Deixou-o o discípulo retirar, e teimoso como um *ethiope*, tomo u do pincel e pôz os seguintes toques no quadro: «tornou-se piegas com as suas phylosophias humanitarias que impinge á má cara!»

Os deshumanos por natureza e cùncilio folgam em ridicularis aquelles que veem na-humanidade objecto mais digno de analyse, observação e respeito do que elles, e por isso quando alguém se doe das intimas affligençes de um membro da grande familia humana, os pessimistas, os ignorantes e os tollos, levantam-se a appellidar de piegas esses que pela alma ao menos, se erguem muito achina dellos. Deixal-os, são inofensivos ainda assim.

O mestre, vendo com magua adulterados os seus quadros, deixou o discípulo teimoso entregue a si proprio e partiu.

A ignorancia porém é atrevida como toda a gente sabe, e o Ermita não teve pejo d' completar, elle só, a colleção dos retratos dos trez vultos ; e na quinta parte do seu folheto apresenta-nos Alexandre Herculano. Vejamos o que delle diz :

## V

«Temos em frente o terceiro vulto—o homem dos sete palmos de terra, o poeta da *Semana Santa*, o auctor de *Eurico*, o historiographo do reino, o Hamlet que faz negaças ao publico da beira do seu sepulchro.»

«Havia em tempos muito remotos na Arabia Petrêa um marabuto ou santo, que era de caracter rustico, intratavel e fero. Tinha por vez o doença abespinhar os compatriotas, affirmando que tudo ia de mal a peior, que o caid era tolo e creança, que os habitantes do aduar visinho haviam de conquistar o oasis, que as palmeiras floriam tarde e a más horas e davam frutos deslavados, que os pôcos seccavam, os camellos não creavam leite, e os abestruzes não punham ovos.

«Estas e outras parvulezas propheticas chegaram aos ouvidos do caid, que tinha más tripas e não gostava que abocanhassem o seu governo, que em verdade não era dos melhores.

Dize lá, Ulema, exclamou o caid incendido em raiva.  
Quem te manda a ti ser abelhudo ?  
O marabuto encolheu os hombros e respondeu :  
—Nada mais te digo senão que me dês seis palmos de aréa.

*Este era mais baixo e contentava-se com aréa.*

—Porque ?

—Porque isto vai mal.

—Cortem a cabeça ao marabuto, bradou o caid, e dêem-lhe seis palmos de aréa.

E o marabuto gosou desde então de fama de doido.

«Justiça de moiro, dirá o leitor. Justiça dos povos digo eu. Mais tarde ou mais cedo surge a verdade. Não ha abafal-a.

Pois se Herculano julga o paiz moribundo porque lhe não acode, e se retira ? Egoismo ! Se o paiz morreu já, porque se repasta Herculano no cadaver ? Apetite de abutre!»

Outr'ora os grandes genios, os genios priveligiados, os vultos emminentes, distinctos, sublimes, se em palavras do ceu por verdadeiras, discursavam sublimidades desconhecidas aos ruins espiritos da gente vulgar e ignara, eram physicamente torturadas. Christo, o grande martyr, foi o exemplo mais notavel. Hoje a ruindade é senão maior, tão elevada n'esses espirites, mas a tortura é moral, e tão vil e objecta como era.

Dizer-se ao phylosopho, ao homem superiormente elevado em talento e abnegação, n'um paiz monarehico-representativo—se o paiz está moribundo e lhe não acodes é por egoismo teu, e se morreu e te repastas no cadaver tens apetite de abutre, é triste ; e perigosa seria a irreflexão da phrase (irreflexão dizemos e não malvadez eu coisa assim) se o anime de Herculano, o seu espirito, a sua generosidade não fossem superiormente grandes.

Mas não ha alguem que julgue absolutamente moribundo o paiz nem que o creia proximo do abysmo.

Quando mesmo elle estivesse moribundo, que homem por muito elevado em dotes moraes e intellectuaes, haveria n'este sistema de governo capaz de o desviar do seu destino ?

E depois morto que alma seria a d'aquele que se repastasse no seu cadaver?!

Sorriu-se certamente o poeta do Eurico, ao lêr (se leu) esta parte do folheto do Ermita. Eu porém senti no peito aquella dôr profunda e soffucante sem o desafogo e allivio das lagrimas, ao vêr alli mais uma vez produzida a triste verdade que os homens são, em geral, falsos, injustos, severos sempre, no seu julgar aquelles a quem mais ou muito devem na vida.

Não se alue assim a reputação de um homem eminente. Se alguém se precipita com isto aos fundos abyssmos do nada é seguramente o auctor do folheto. Injuriar por tal arte um filho querido da poesia, só podera fazel-o um vulto tediosamente prosaico. Mas ou seja ou não isto, é bom que em relevo saiam os vicios facetamente encobertos do folheto.

E' que Herculano nunca teve o máo gosto de comparar o Ermita e outros taes com Chateaubriand, Lamartine, ou Victor Hugo, etc, e por isso o odio do Ermita abafado ha tempo, se espandiu assim,

Ao homem verdadeiramente sabio não cegam as paixões, nem o dominam; e as criticas feitas a doutos só de sabios podem tolerar-se.

Pode-se ter talento brilhante e muito saber aos vinte annos, mas não é esta a edade mais propria para se ser bom critico.

O auctor do folheto é ainda novo seguramente; revella conhecimentos e intelligencia superior, mas falta-lhe a reflexão; não ajuiza ainda prudente, seria, desapaixonadamente as coisas; não faz a analyse e a synthese, sobre os objectos que intenta estudar, como é myster ao critico. Re-

cebe-os taes a apparencia lh'os indica; não os profunda; não indaga origens ou causas e seus effeitos; não sente, ao que parece.

Viver vinte annos amarrado ao proprio cadaver, perdoe o sr. Ermita, não é para mim, humilde sachristão, inintelligivel, nem enigmatico, eimproprio ou absurdo. Viver vinte annos amarrado ao proprio cadaver, exprime a idéa não só do isolamento em que se viveu durante esses annos, mas das profundissimas dores e angustias, talvez, que se padeceram durantes elles. E homem onde fallece pouco a pouco o vigor do espirito e dos sentidos, mais cadaver pôde suppor-se do que inteiro corpo o delle.

«O sempiterno as creou (as dores) quando nossa primeira mãe nos converteu em reprobos: ellas servem por ventura ainda de algum refrigerio lá nas trevas exteriores onde ha o ranger dos dentes.

O que são trevas exteriores onde ha o ranger dos dentes? pergunta o Ermita. Trevas exteriores, com relação ás trevas que existem no espirito, e por consequencia interiores de povos ou homens, taes como o Ermita do Chiado, são as trevas infinitas em que se suppõe jazer o reino infernal com o ranger dos dentes de todos os seus habitantes, o embate de ossadas de esqueletos, os arruidos desconhecidos, tetricos, repelentes, horriveis, os murmúrios arrepiadores das carnes, o prepôsar continuo de mil visões e fantasmas existentes lá nas trevas exteriores onde ha o ranger dos dentes, etc; e porque pôde julgar se que, tudo quanto é de Deus, o genio bom, é interior, e exterior o que pertence aos deoses infernaes. Trevas exteriores conseguintemente, onde ha o ranger dos dentes, não é tão absurdo, não significa tal ausência de criterio e bom senso como se asfigura ao sr. Er-

mita para quem não sendo acceitaveis as hypotheses, só há a dezer-lhe luz, mais luz do que infelizmente possue.

Leia a Biblia, sr. Ermita, leia a Biblia, e deixe-se de criticas litterarias, para onde não o chama Deus ! e procure a genealogia da moderna escola onde hajam *estolas do infinito, almas de foguete* e outras que taes obscuridades.

## VI

Na sexta parte do folheto indica o Ermita os remedios contra o mal da nova escola, tendo dito já nas partes anteriores dello, que não entende mestres, nem discipulos della. Se não entende, não combata. Observe, estude, medite, e combata ou applauda depois; e com isto dará prova do bom senso, que ainda lhe falta.

Nesta parte termina o folheto do Ermita e o meu, porque não sobra tempo a sachristões para andarem em cavallarias tão altas.

E' pois rapida, sem citações, despretenciosa, inofensiva, creio, a analyse que ahi fica. Possa ella acaso ainda assim servir de antidote ao veneno que contem em si o folheto do sr. Ermita, e bem feliz será o sachristão quando tal nova chegue cá á sua solitaria humilde e obscura ermida.

## • Sachristão.





**PRECO 100 RÉIS**

Vende-se nas lojas do costume, em Coimbra e Porto.











